

A crítica de Nietzsche ao ideal alemão de *Bildung*

Alexandre Alves*

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a mudança semântica do ideal alemão de *Bildung* na época de Nietzsche e a reinterpretação que o filósofo propõe do conceito. *Bildung* é um dos conceitos fundamentais da modernidade na Alemanha e, em sua formulação clássica designava um imperativo moral de auto-aperfeiçoamento do indivíduo e a humanidade como ideal normativo. Nietzsche criticou a degradação desse ideal em mera cultura geral e o filistinismo cultural de sua época. Em seu lugar, Nietzsche propõe uma tipologia das culturas. Ele reinterpreta o conceito de cultura como unidade de estilo e a ideia de cultivo da individualidade como novo imperativo do indivíduo que se desvinculou da moral tradicional.

Palavras-chave: Cultura, Civilização, Individualidade, Semântica histórica.

Nietzsche's critique of the German ideal of *Bildung*

Abstract: The aim of this article is to analyze the semantic change of the German ideal of *Bildung* in the time of Nietzsche and the reinterpretation that the philosopher proposes of the concept. *Bildung* is one of the fundamental concepts of modernity in Germany, and in its classical formulation designated a moral imperative of self-improvement of the individual and humanity as a normative ideal. Nietzsche criticized the degradation of this ideal in mere general culture and the cultural philistinism of his time. In its place, Nietzsche proposes a typology of cultures. He reinterprets the concept of culture as a unit of style and the idea of cultivating individuality as a new imperative of the individual who has disengaged himself from traditional morality.

Keywords: Culture, Civilization, Individuality, historical semantics.

Introdução

O envolvimento de Nietzsche com seu tempo, seja como crítico das ideias modernas ou como observador sagaz dos sintomas da “decadência” na cultura, foi intenso e apaixonado. Ao ler Nietzsche hoje, é importante situá-lo em relação aos discursos em circulação em sua própria época. É preciso sempre lembrar que a fina arte do diagnóstico do presente a partir da decifração das camadas de signos e sentidos que o constituem, a que Nietzsche deu o nome de *Genealogia*, é uma legítima herdeira da escola histórica alemã.

Poucos estudos destacaram a relação de Nietzsche com o ideal educativo mais

* Doutor em História pela Universidade de São Paulo, Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Porto Alegre, RS, Brasil. Contato: sandoralves@gmail.com

importante da cultura alemã, o ideal de *Bildung* ou *Selbstbildung* (formação, auto-formação) entendido como formação integral e multidirecional do ser humano. Essa relação é, ao mesmo tempo, de crítica e de adesão e as obras mais importantes a serem consideradas nessa análise são, sem dúvida, as quatro *Considerações Intempestivas*, nas quais Nietzsche assume uma posição polêmica, de desafio aos valores da sociedade alemã de sua época. *Bildung* é um desses valores centrais, com fortes raízes especialmente na cultura luterana do norte da Alemanha. Nietzsche, no entanto, não recusa o ideal de *Bildung* como valor em si mesmo, mas apenas seus usos sociais particulares e sua materialização no jornalismo e nas instituições de ensino de sua época. Neste estudo, pretende-se analisar a mudança semântica pela qual passa o conceito de *Bildung* na época de Nietzsche e a reinterpretação que o filósofo dele propõe.

O conceito de *Bildung* e sua história semântica

Desde o fim da década de 1980, uma série de estudos na Alemanha tem abordado a definição e o balanço histórico do célebre ideal de *Bildung*. O impulso para esses estudos veio sobretudo da reunificação do país em 1989 e as discussões em torno da identidade cultural da nova Alemanha no contexto da formação da Comunidade Europeia. *Bildung* é um dos conceitos fundamentais da modernidade na Alemanha e deu ensejo a uma série de usos e interpretações ao longo do tempo. Trata-se de um conceito ambíguo e polissêmico, que não se reduz à educação formal, à aquisição de cultura ou à acumulação de conhecimentos. *Bildung* pode designar tanto o processo de auto-formação do indivíduo, quanto o resultado desse processo; pode ser vista como transmissão passiva da cultura tradicional ou como criação ativa de novas formas culturais; não precisa se referir apenas à edificação da personalidade ou à individualidade, podendo também indicar processos coletivos de co-formação.¹

Desde o século XVII, *Bildung* já era uma ideia central na pedagogia dos pietistas e designava o esforço disciplinado direcionado à formação da interioridade e ao

¹ Diversos estudos analisaram a história semântica do conceito de *Bildung*. Entre eles, podemos destacar: Koselleck, Reinhardt (Ed.). *Bildungsbürgertum im 19. Jahrhundert: Teil II: Bildungsgüter und Bildungswissen*. Stuttgart: Klett-Cotta, 1990; Herrmann, Ulrich. *Historische Bildungsforschung und Sozialgeschichte der Bildung*. Weinheim: Deutscher Studien Verlag, 1991; Assmann, Aleida. *Construction de la Mémoire Nationale: une brève histoire de l'idée allemande de Bildung*. Tradução: Françoise Laroche. Paris: Maison des sciences de l'homme, 1994; Bollenbeck, Georg. *Bildung und Kultur. Glanz und Elend eines deutschen Deutungsmusters*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1996; Horlacher, Rebekka. *Bildung*. Bern: Hapt Verlag, 2011.

autodesenvolvimento espiritual do indivíduo. No século XVIII, o conceito se secularizou, tornando-se uma das categorias centrais do modelo de interpretação do mundo da intelectualidade alemã. Contra as correntes materialistas e mecanicistas da época, Herder, Wilhelm von Humboldt e Goethe viam o desenvolvimento da individualidade como um processo orgânico de desenvolvimento. Cada individualidade tem seu valor em si mesmo e, se livre para se desenvolver, chega ao máximo possível de perfeição. A isso se chamava na época a *perfectibilité* do ser humano, termo em geral traduzido no alemão do período como *Bildsamkeit*, que remete ao caráter plástico, modelável da personalidade humana.

Bildung foi assim definida por Wilhelm von Humboldt:

A tarefa derradeira de nossa existência é dar o máximo possível de substância ao conceito de humanidade em nossa pessoa, seja na duração de nossa vida, seja para além dela, por meio dos traços [*Spuren*] que deixamos de nossa atividade vital. Isto somente pode ser realizado por intermédio da vinculação entre nosso eu e o mundo para chegar à reciprocidade [*Wechselwirkung*] mais viva, livre e universal.²

Na visão de Humboldt, há, portanto, um metabolismo constante entre interior e exterior, individualidade e realidade no processo de formação do homem visto como processo orgânico e contínuo de auto-aperfeiçoamento. Trata-se também da “humanidade” (*Humanität*) como um ideal normativo. A ideia é que por meio da educação, o indivíduo desenvolveria o conceito ou a “imagem” da humanidade dentro de si. Humanidade não é um estado no qual entramos ao nascer, mas uma tarefa a ser realizada por meio da disciplina e do esforço consciente do indivíduo. Mais do que instrução formal, a tarefa do cultivo de si era vista como um processo sem termo, a ser perseguido durante toda a vida como imperativo moral ou fim em si mesmo, ou seja, independente de qualquer objetivo externo ou utilitário.

Segundo Humboldt, em virtude de sua irreduzível singularidade, cada indivíduo deveria ser julgado de acordo com sua própria medida e não por intermédio de uma norma abstrata e exterior. Caberia a instituições como o Estado apenas criar as condições exteriores (basicamente segurança interna e externa) para que cada indivíduo possa “desenvolver-se por si mesmo em toda sua originalidade”. O Estado deveria ser somente o meio, o instrumento para essa finalidade maior que é o desenvolvimento da humanidade dentro de nós. É assim que foi pensado o ideal de *Bildung* até a época de

² Humboldt, Wilhelm von. *Schriften zur Bildung*. Berlin: Reclam, 2017, p. 7.

Hegel.

O que acontece na época de Nietzsche é uma mutação semântica. O ideal de *Bildung* sofre um duplo processo de *aburguesamento*, tornando-se “posse” e marca distintiva de um grupo social determinado, e de *instrumentalização* pelo Estado prussiano. Nos anos 1870, em que Nietzsche escreveu as *Considerações Intempestivas*, o sistema educacional é crescentemente funcionalizado pelo Estado em benefício do nacionalismo prussiano. Despolitizados, ideais como *Bildung* e *Kultur* e predicados como “interioridade”, “espírito” e “profundidade” tornam-se o que caracteriza a identidade alemã por oposição aos outros povos – como a França e a Inglaterra –, que não teriam conhecido a cultura como *Bildung*, mas possuiriam apenas *civilização*, que aponta para os aspectos apenas exteriores da cultura, como a polidez, as artes e as técnicas³. *Bildung* também deixa de caracterizar um processo orgânico de desenvolvimento da individualidade para se degradar em instrumento de distinção entre grupos sociais. Designa a cultura geral que separa e distingue a burguesia diplomada, que cursava o prestigioso *Gymnasium* e tinha acesso às universidades, das camadas “incultas” e não educadas da sociedade.

Nietzsche não rejeita por si mesmo esse valor central na sociedade alemã, mas constata sua degradação e tenta imprimir-lhe uma nova semântica. Essa tarefa é empreendida nas quatro *Considerações Intempestivas*, nas quais o jovem Nietzsche procura desafiar os valores da sociedade alemã de sua época, e nas obras do período intermediário e final de sua obra, em que Nietzsche abandona a ideia de *Bildung* em benefício da noção de “cultivo de si”. A seguir, abordarei alguns dos elementos centrais dessa crítica, relacionando-os com o contexto discursivo da época, a partir da análise de trechos das *Intempestivas* e do *Ecce Homo*.

A canonização dos clássicos e o filistinismo cultural

Com o processo de aburguesamento do ideal de *Bildung*, os clássicos são canonizados e tornam-se normas de valor perene na medida em que passam a ser lidos de maneira descontextualizada e superficial, no sentido contrário, portanto, da leitura “lenta” prescrita pela filologia nietzschiana. Autores como Goethe, Schiller, Lessing e

³ Sobre a oposição entre cultura e civilização e a discussão sobre a identidade cultural alemã, remeto ao estudo já clássico de Norbert Elias, *Zur Soziogenese des Gegensatzes von “Kultur” und “Zivilisation” in Deutschland*. In: Elias, Norbert. *Über den Prozeß der Zivilisation. Soziogenetische und psychogenetische Untersuchungen*, Band 1. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1976, p. 89-153.

Shakespeare, além dos gregos antigos, são lidos como fonte de ensinamentos morais e signo de *status* social da burguesia que estudava nos *Gymnasia* alemães. Muitas vezes, esses ensinamentos eram retidos apenas como coleções de citações destinadas a fornecer um verniz de cultura a uma burguesia despolitizada.⁴ É isso o que Nietzsche denuncia como “filistinismo cultural”. O filisteu da cultura é o contrário do artista e do filósofo, ou seja, do homem realmente cultivado, que soube incorporar a si os artefatos culturais de todas as épocas, fabricando a partir deles uma cultura pessoal.

Os clássicos, assim, tornavam-se propriedade exclusiva e signo distintivo das camadas da sociedade alemã que constituíam a base social de apoio do regime autoritário bismarckiano. Para contextualizar a crítica de Nietzsche, é necessário compreender o processo social em curso na Alemanha da época. Após a unificação, a escolarização obrigatória e o serviço militar promoveram a homogeneização da população alemã. Para se diferenciar e, ao mesmo tempo, se unificar como grupo social, a burguesia alemã recorreu ao ideal de *Bildung*. Era ele que permitia às categorias mais disparatadas identificar-se como membros de uma mesma camada social, aquela sobre a qual o Estado se apoiava para legitimar suas aventuras expansionistas. Esse foi o caso da guerra contra a França em 1870, da qual o próprio participou por um curto período e que resultou na unificação dos Estados alemães sob a hegemonia da Prússia de Bismarck.

A vitória militar sobre a França foi celebrada na imprensa da época como trunfo da cultura alemã - com seus valores associados de *Bildung*, profundidade, interioridade - sobre o artificialismo e a superficialidade da cultura francesa. Para Nietzsche, entretanto, a vitória do *Reich* sobre a França em 1871 significava a “derrota do espírito alemão”. Ele ironizava a euforia da classe média “cultura” pela vitória militar sobre a França:

Essa felicidade e essa embriaguez, eu as percebo na autoconfiança sem igual dos jornalistas alemães, dos fazedores de romances, de canções e de livros de história; essa é, de fato, uma trupe que parece ter jurado se apropriar das horas de lazer e de digestão do homem moderno, isto é, dos instantes que ele consagra à “cultura” [*Kultur*], para enterrá-lo sob montanhas de papel impresso [...]. Além disso, todos os seus membros têm a convicção inabalável de que sua própria cultura pessoal [*Bildung*] é o fruto mais maduro e mais belo desse tempo, até mesmo de todos os tempos, e eles não compreendem que nos preocupemos com a cultura alemã [*Deutsche Bildung*] porque suprimiram, para si mesmos e a multidão de seus semelhantes, esse gênero de

⁴ Frühwald, Wolfgang. Büchmann und die Folgen. Zur sozialen Funktion des Bildungszitates in der Literatur des 19. Jahrhunderts, In: Koselleck, Reinhardt (Ed.). *Bildungsbürgertum im 19. Jahrhundert*: Teil II; Bildungsgüter und Bildungswissen. Stuttgart: Klett-Cotta, 1990, pp. 197-219.

preocupação.⁵

Para Nietzsche, a vitória sobre a França foi uma ilusão porque os franceses ainda possuem uma “cultura autêntica e fecunda”, enquanto os alemães teriam uma “falsa cultura”, marcada pela mistura bárbara e caótica de estilos. Assim, em tudo que se refere à “forma”, a Alemanha ainda seria tributária da cultura francesa. Portanto, por um efeito de inversão, a vitória militar dos alemães significaria, na verdade, a derrota do “espírito” alemão pois, na embriaguez da vitória, os alemães teriam esquecido o que constitui uma cultura autêntica:

Esta ilusão é extremamente nociva: não porque é uma ilusão – pois existem erros que são perfeitamente salutares e benéficos – mas porque pode transformar nossa vitória numa completa derrota: *a derrota, até mesmo a extirpação, do espírito alemão em benefício do “Império alemão”*.⁶

O caso alemão, no entanto, é apresentado por Nietzsche apenas como um caso particular da cultura moderna, caracterizada pela ausência de forma, a justaposição de estilos contraditórios e pela desarmonia entre as forças. Tal como Humboldt, Schiller e Hölderlin, Nietzsche irá procurar um contra-modelo que lhe permita tomar distância e fazer uma crítica à modernidade. Esse contra-modelo será a Grécia antiga, erigida como norma ideal de harmonia e equilíbrio entre todas as forças que compõem a individualidade humana.

A Grécia Antiga como contra-modelo cultural

Para os neohumanistas alemães da época de Humboldt, a Grécia Antiga encarnava o ideal de uma humanidade perfeita. Segundo a análise de Nipperdey e Nolan⁷, os romanos teriam suprimido a individualidade, os cristãos teriam recalcado a natureza e os modernos teriam caído na superespecialização e no utilitarismo. Nenhuma outra civilização lhe seria comparável em harmonia e equilíbrio entre todas as suas forças. Na visão de Schiller, por exemplo, a *polis* grega se caracterizava pela unidade

⁵ Nietzsche, F. *Unzeitgemässe Betrachtungen I*. David Strauss, der Bekenner und der Schriftsteller, In: Nietzsche, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe in 15. Einzelbänden*. Berlin: Walter de Gruyter, p. 161.

⁶ Nietzsche, F. *Ibidem*, p. 160.

⁷ Nipperdey, Thomas; Nolan, Daniel. *Germany from Napoleon to Bismarck, 1800-1866*. Princeton: Princeton University Press, 1996, p. 44 e seg.

de estilo entre todas as suas manifestações, em que todo indivíduo estaria em harmonia com o todo: cada um encarnaria as potencialidades de toda a espécie. Já o mundo moderno se caracterizaria, antes, pela “falta de gosto” e por viver numa “semi-barbárie”. A cultura da Grécia antiga é, assim, apresentada como norma ideal da humanidade:

Naqueles dias do belo despertar das forças espirituais, os sentidos e o espírito não tinham ainda domínios rigorosamente separados; a discórdia não havia incitado ainda a divisão belicosa e a demarcação das fronteiras. [...] Por mais alto que a razão se elevasse, trazia sempre consigo, amorosa, a matéria, e por fina e rente que a cortasse, nunca a mutilava. [...] Quão diferente é a situação entre nós outros modernos! Também entre nós se projetou a imagem da espécie, ampliada em suas partes, nos indivíduos – mas por fragmentos, não em combinações diferentes, de modo que, para reconstruir a totalidade da espécie, é preciso indagar, um a um, todos os indivíduos. [...] Que indivíduo moderno apresentar-se-ia para lutar, homem a homem, contra um ateniense pelo prêmio da humanidade?”⁸

Assim como Schiller, Nietzsche criticava a cultura moderna a partir da cultura da Grécia vista como contra-modelo.⁹ Para Nietzsche, a cultura helênica antiga podia ser situada nos antípodas da Alemanha de sua própria época. Mas, ao invés de entender o grego antigo como modelo normativo de humanidade, Nietzsche ressalta um outro aspecto da cultura grega: a unidade de estilo ou imposição de uma forma única a todas as suas manifestações. O conceito grego de cultura como “unidade de estilo” era por ele oposto à “cultura pessoal” (*Bildung*) que caracterizava a burguesia culta alemã do período bismarckiano.

Na visão de Nietzsche, a cultura grega não nasceu pura, mas evoluiu de um caos desorganizado de formas díspares para um todo harmônico e ordenado graças à sentença apolínea que prescreve o autoconhecimento. A cultura grega:

[...] por muito tempo foi muito mais um caso de formas e conceitos estrangeiros, semitas, babilônicos, lídios, egípcios, e sua religião era uma verdadeira batalha entre os deuses de todo o Oriente: mais ou menos semelhante como afora a “cultura alemã” e a religião são um caos em si cheio de lutas entre todos os países e todos os tempos. Entretanto, graças à sentença apolínea, a cultura helênica não se transformou em um agregado disforme. Os gregos aprenderam pouco a pouco a organizar o caos, retornando a si mesmos conforme o ensinamento délfico, atentando para suas

⁸ Schiller, Friedrich. *Cartas sobre a educação estética da humanidade*, São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 36.

⁹ Alves, Alexandre. Helenismo e crítica da modernidade: A relação com a Antiguidade no pensamento de Nietzsche, *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche*, Vol.1, no2, 2008, pp.1-17.

necessidades verdadeiras e deixando perecer as factícias.¹⁰

A verdadeira e a falsa *Bildung*

O fundo da defesa de Nietzsche da Grécia clássica como contra-modelo é o seu temor de que, sob o efeito corrosivo do historicismo, a cultura alemã se decompusesse num agregado informe, um carnaval de estilos provenientes de todos os lugares e todas as épocas, sem unidade nenhuma.

Nietzsche reivindicava uma verdadeira *Bildung* contra a “falsa cultura” da burguesia alemã de sua época, que ele chama de “filisteus da cultura” (*Bildungsphilister*). A época da *Bildungsbürgertum* (burguesia culta) que produziu as obras de Goethe, Schiller, Herder e Humboldt é por ele considerada terminada. No lugar do conceito clássico de *Bildung*, novas concepções, decadentes, de educação e cultura teriam se disseminado.

Nietzsche coloca o problema em termos de valores. Em seu projeto de religar cultura e corpo, valores e natureza, Nietzsche recorre com frequência a metáforas fisiológicas, como neste trecho da *Segunda Intempestiva*:

O homem moderno acaba por ter o estômago cheio de uma massa enorme de conhecimentos indigestos que, como se diz no conto, rolam e se entrecocam no seu ventre. Pelos ruídos que provoca, pode-se adivinhar a qualidade mais própria deste homem moderno: a notória oposição entre um interior ao qual não corresponde nenhum exterior e um exterior ao qual não corresponde nenhum interior, uma oposição que os povos antigos não conheceram.¹¹

Utilizando essa metáfora fisiológica, Nietzsche critica o ideal tipicamente alemão de “interioridade”, que legitima a autoimagem que a burguesia culta alemã fazia de si mesma. A verdadeira *Bildung* é entendida como o metabolismo equilibrado entre exterior e interior, forma e conteúdo, vida e conhecimento. Já a falsa cultura da burguesia moderna é apenas acumulação enciclopédica de conhecimentos: não verdadeira *Bildung*, mas apenas conhecimento em torno dela (*Wissen um die Bildung*). Nesse processo de degradação, é a dimensão da forma que é deixada de lado. O filisteu da cultura é aquele que acumula uma massa informe de conhecimentos transmitidos pela história e os utiliza para se distinguir e ter êxito na sociedade. Como ressalta

¹⁰ Nietzsche, F. *Unzeitgemäße Betrachtungen II. Vom Nutzen und Nachtheil der Historie für das Leben*, In: Nietzsche, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe in 15. Einzelbänden*. Berlin: Walter de Gruyter, Vol. I, p. 333.

¹¹ Nietzsche, F. *Ibidem*, p. 272.

Koselleck:

Que a *Bildung* tenha se tornado dependente do Estado, vinculando-se a cargo ou propriedade, que ela tenha se tornado um fator de produção científico, orientado primordialmente à utilidade, tudo isso conduz à barbárie.¹²

Todas as *Considerações Intempestivas* do jovem Nietzsche são atravessadas por essa dupla semântica da verdadeira e da falsa *Bildung*. Esta é também chamada de *Gebildetheit*, entendida como mera assimilação superficial e acumulação de conhecimentos e informações, enquanto a verdadeira *Bildung* supõe disciplina e cultivo equilibrado da individualidade em seus aspectos interiores e exteriores. *Gebildetheit* também remete a algo fabricado, artificial, factício, apenas de fachada, enquanto *Bildung* seria algo autêntico, genuíno, enraizado organicamente na natureza do indivíduo.

A *Gebildetheit* do filisteu da cultura também é sintoma de uma época que perdeu a organicidade e se tornou um carnaval de ideias e estilos:

[...] pois nós modernos não temos absolutamente nada que provenha de nós mesmos; somente na medida em que acumulamos e transbordamos com épocas, costumes, artes, filosofias, religiões, conhecimentos alheios, nos tornamos algo digno de consideração, a saber, enciclopédias ambulantes, com o que talvez um heleno antigo, perdido em nosso tempo, nos dirigisse a palavra.¹³

Cultura como unidade de estilo e cultivo da individualidade

Após ter criticado os “filisteus da cultura”, Nietzsche pretende realizar a tarefa positiva de reconstruir o conceito de cultura. Esta é por ele definida como unidade de estilo e equilíbrio de forças:

Cultura é, antes de tudo, a unidade do estilo artístico através de todas as manifestações da vida de um povo. Mas o fato de saber muitas coisas e de ter aprendido muito não é nem um instrumento necessário, nem um signo da cultura e, muitas vezes, está bem próximo do oposto da cultura, a barbárie, isto é: a ausência de estilo ou a confusão caótica de todos os estilos.¹⁴

¹² Koselleck, Reinhardt. Einleitung zur anthropologischen und semantischen Struktur der Bildung. In: Koselleck, Reinhardt (Ed.). *Bildungsbürgertum im 19. Jahrhundert: Teil II; Bildungsgüter und Bildungswissen*. Stuttgart: Klett-Cotta, 1990. p. 31.

¹³ Nietzsche, F. Unzeitgemässe Betrachtungen II. Vom Nutzen und Nachtheil der Historie für das Leben, In: Nietzsche, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe in 15. Einzelbänden*. Berlin: Walter de Gruyter, Vol. I, p. 273.

¹⁴ Nietzsche, F. Unzeitgemässe Betrachtungen I. David Strauss, der Bekenner und der Schriftsteller, In: Nietzsche, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe in 15. Einzelbänden*. Berlin: Walter de Gruyter, Vol. I, p. 163.

Em *Ecce Homo*, Nietzsche afirmaria que nas *Intempestivas* pretendeu tratar de “um problema de educação sem equivalente, um novo conceito de *cultivo de si, defesa de si* até a dureza, um caminho para a grandeza e para tarefas histórico-universais exigia sua primeira expressão”.¹⁵ Sua batalha se dirige contra o enciclopedismo positivista do século XIX, também ridicularizado no romance *Bouvard et Pécuchet* de Gustave Flaubert, que mostra a trajetória de dois copistas desastrados que passeiam de maneira superficial e ingênua por virtualmente todas as áreas do conhecimento humano.

Tal como Flaubert, na crítica nietzschiana a sua época, a mera acumulação de informação e a justaposição de conhecimentos não pode ser definida como verdadeira cultura. A cultura entendida como *Bildung* não é, para Nietzsche, algo que se possui e que se possa perder, não se confunde com o “patrimônio” ou com a posse de “bens culturais”, como ainda hoje costumamos dizer. A verdadeira cultura só pode resultar de um superior “cultivo de si” e é por meio da noção de *estilo*, oriunda da história da arte, que esse cultivo pode ser caracterizado.

Dar estilo ao próprio caráter é uma atividade reflexiva análoga à arte. Como o artista, aquele que cultiva a si mesmo deve observar sua própria natureza, conhecer suas forças e fraquezas e ter disciplina para seguir um plano artístico definido. Trata-se de ser capaz de imprimir uma mesma vontade a todos os seus mínimos atos e gestos, tornando-se único e singular pela imposição de uma disciplina severa e rigorosa a si mesmo.

Distinguindo cultura como cultivo de si da cultura geral (*Bildung*), Nietzsche se insere num debate que norteou as discussões sobre a cultura alemã entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX: é o célebre debate sobre cultura e civilização. No bojo deste debate, se insere toda uma crítica da civilização técnico-industrial e a defesa de um conceito renovado de cultura, frequentemente referido aos gregos antigos. Nietzsche adota o conceito burckhardiano de cultura e dele empresta o projeto de constituir uma tipologia das culturas¹⁶. Tal como Nietzsche, Burckhardt era um acerbo crítico da modernidade:

Que ainda seja possível um homem se cultivar puramente a partir de seus próprios impulsos, isto há muito já está fora de questão. A urgência do tempo é grande demais,

¹⁵ Nietzsche, F. *Ecce Homo. Como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 67.

¹⁶ Sobre essa questão, cf. Wotling, Patrick. *Nietzsche et le problème de la civilization*, p. 30 e seg.

não se pode mais deixar as pessoas fazerem o que lhes der na telha, elas precisam de um selo universal, para que cada um, em todo caso, se ajuste a esta monstruosidade que chamamos de vida moderna.¹⁷

Em toda a obra de Nietzsche, parece ser constante a utilização de um mesmo conceito de cultura, entendida como cultivo de si ou auto-formação e oposto à cultura geral enciclopédica do século XIX. Nietzsche herda esse conceito de cultura do historiador Burckhardt: a cultura vista não como o oposto da natureza, mas como modelagem da matéria-prima fornecida pela natureza, como unidade sintética de uma multiplicidade natural, unidade de *estilo*. É em associação com a formação da individualidade e da personalidade que Burckhardt entende o conceito de cultura em seu célebre livro sobre o renascimento italiano:

Na Idade Média [...] o homem reconhecia-se apenas enquanto raça, partido, corporação, família ou sob qualquer outra das demais formas do coletivo. Na Itália, pela primeira vez, tal véu se dispersa ao vento; desperta ali uma contemplação e um tratamento objetivo do Estado e de todas as coisas deste mundo. Paralelamente a isso, no entanto, ergueu-se também, na plenitude de seus poderes, o subjetivo: o homem torna-se um indivíduo espiritual e se reconhece enquanto tal. Assim erguera-se outrora o grego ante os bárbaros; o árabe, em sua individualidade, ante os demais povos asiáticos, estes vendo-se ainda como membros de uma raça.¹⁸

O Renascimento é visto por Nietzsche como “a última *grande época*” dos europeus, “um momento em que uma ordem superior de valores, em que os valores aristocráticos, que dizem Sim à vida, que trazem a promessa de um futuro, chegavam à vitória na própria sede dos valores opostos, dos valores de declínio”¹⁹. Esse processo teria sido interrompido uma primeira vez por Lutero, em sua tentativa de restaurar a pureza da igreja. Essa interrupção teria ocorrido ainda uma segunda vez com o idealismo alemão, que enterrou o sonho napoleônico de uma Europa unificada – para Nietzsche, o produto mais autêntico do século XVIII francês. Na ideologia alemã se preservaria a moral cristã, atrasando o seu processo de dissolução e, com isso, o advento dessa nova cultura de individualidades livres e soberanas.

A civilização moderna não entende o que é cultura porque não possui essa unidade de estilo: é um carnaval de todos os estilos e épocas. Vista como *Bildung*, ou

¹⁷ Burckhardt, J. An Kinkel, 1846, citado em Löwith, Karl. *De Hegel à Nietzsche*, Paris: Gallimard, 1969, p. 316.

¹⁸ Burckhardt, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Itália*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 111.

¹⁹ Nietzsche, F. *Ecce Homo*, p. 104.

seja, desenvolvimento integral da personalidade humana, a cultura é fim em si mesmo e não meio para a realização de fins exteriores. Assim, tanto Burckhardt quanto Nietzsche se opunham à funcionalização das instituições educacionais e da cultura pelo Estado nacionalista prussiano. O único objetivo da cultura seria o florescimento completo e desimpedido de grandes individualidades e as instituições sociais como o Estado deveriam ser apenas instrumentos e meios para isso.

Em sua tipologia das civilizações, Nietzsche distingue aquelas que propiciam o cultivo superior da individualidade daquelas que propiciam a utilidade do homem de rebanho. Em Nietzsche, civilização não se identifica com os aspectos técnicos e materiais da vida em oposição aos valores espirituais, que constituiriam a verdadeira cultura. *Civilização* é entendida por ele no sentido negativo como o conjunto de valores que torna possível e favorece um modo de vida calcado nos afetos reativos do rebanho, predominantes na modernidade, em oposição aos afetos ativos e dominadores, que predominam nas culturas aristocráticas. Já a cultura é entendida como o conjunto de valores que favorecem a produção de indivíduos integrais e personalidades superiores, ou seja, exemplares cada vez mais raros e excepcionais dentro de uma espécie. Cultura ou cultivo designa neste caso a disciplina dos instintos, aquilo que confere unidade de estilo a uma multiplicidade de elementos naturais heterogêneos. O propósito da cultura, assim, não é o bem-estar da maioria, nem o progresso da espécie como um todo, mas a produção de individualidades singulares. O objetivo desse cultivo, desse disciplinamento, não é reprimir os instintos, mas encontrar uma justa proporção entre eles, de modo que nenhum se autonomize nem tire os outros. A individualidade completa é vista como resultado da síntese bem-sucedida entre impulsos contraditórios. A decadência ocorre quando os instintos entram em anarquia, passando a lutar uns com os outros, em detrimento da organicidade do todo.

Na terceira *Intempestiva*, “Schopenhauer educador”, Nietzsche está justamente à procura de um caminho para o indivíduo que se furta ao fardo do “costume e da opinião” e quer tornar-se singular, único: “O homem que não quer pertencer à massa só precisa deixar de ser indulgente para consigo mesmo; que ele siga a sua consciência que lhe grita: ‘Sê tu mesmo! Tu não és isto que agora fazes, pensas e desejas’”²⁰ Trata-se, para Nietzsche, de se libertar dos grilhões do hábito e da opinião para “viver segundo

²⁰ Nietzsche, F. *Unzeitgemäße Betrachtungen III. Schopenhauer als Erzieher* In: Nietzsche, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe in 15. Einzelbänden*. Berlin: Walter de Gruyter, Vol. I, p. 338.

a nossa própria lei e conforme a nossa própria medida”. Para isso, justamente, é preciso adotar uma atitude intempestiva em relação à época, saber opor-se corajosamente à opinião pública do período, tornando sua existência individual necessária, em vez de vê-la como produto do acaso do nascimento ou das circunstâncias exteriores (como nacionalidade, profissão, classe, religião etc.).

Conclusão

Ao subordinar todo o processo de desenvolvimento cultural à tarefa da formação de individualidades singulares, poderíamos pensar que Nietzsche defende alguma variedade do elitismo aristocrático do século XIX. Porém, não é numa chave política ou social que o conceito do cultivo de si é pensado por Nietzsche. Ao lado da glorificação da singularidade individual como tarefa própria da cultura, há uma defesa da irreduzível pluralidade de modelos de individualidade num mundo em que as tradições e hierarquias do passado deixam de ter valor para a formação do indivíduo. A ética do cultivo de si proposta por Nietzsche seria, assim, uma forma de “perfeccionismo” moral destinada a pensar uma ética positiva num universo “pós-moral”, em que os valores metafísicos e a moral tradicional entraram em colapso.²¹

O modelo desse cultivo de si é a pluralidade de escolas filosóficas do período helenístico e romano, cada uma delas propondo e tornando possível um modo de vida distinto, através do qual se impõe um sentido à existência, tornando a vida bela de ser contemplada e digna de deixar uma memória. Assim, a teoria da cultura do jovem Nietzsche não se esgota na tarefa negativa da crítica e da polêmica contra os valores de sua própria época, mas teria também como tarefa complementar e positiva tornar-se um instrumento de transformação da existência. Fica claro algo que Nietzsche desenvolveria em sua obra posterior, na qual essa crítica da cultura é ampliada e refinada na forma do procedimento genealógico.

Nesse sentido, vemos que no pensamento de Nietzsche, a crítica dos valores não pode nunca ser separada da invenção de novos modos de vida, de novas formas de existência. Algo que muitas vezes é esquecido em certas imagens de Nietzsche como pensador que faz filosofia a marteladas, demolidor de ídolos ou satirista mordaz dos valores. A crítica é apenas um trabalho preparatório para uma nova cultura por vir, para

²¹ Conant, James. Nietzsche's Perfectionism: A reading of *Schopenhauer Educator*, in: Schacht, Richard (Ed.). *Nietzsche's Postmoralism. Essays on Nietzsche's Prelude to Philosophy's Future*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, pp. 181-257.

novas “tábuas de valores”, novos sentidos para a existência e novas maneiras de viver. Sem isso, a filosofia de Nietzsche seria apenas uma variação das diversas críticas da ideologia que surgiram na Alemanha do século XIX na esteira do hegelianismo. Se há alguma atualidade na consideração nietzschiana da cultura, da educação e dos valores, ela está nessa procura por um novo sentido para a existência, para além do niilismo que mina e corrói por dentro a civilização moderna.

Referências

Alves, A. (2008). Helenismo e crítica da modernidade: A relação com a Antiguidade no pensamento de Nietzsche, *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche*, 1 (2), 1-17.

Assmann, A. (1994). *Construction de la Mémoire Nationale: une brève histoire de l'idée allemande de Bildung*. Tradução: Françoise Laroche. Paris: Maison des sciences de l'homme.

Bollenbeck, G. (1996). *Bildung und Kultur. Glanz und Elend eines deutschen Deutungsmusters*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp.

Burckhardt, J. (1996). *A Cultura do Renascimento na Itália*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras.

Elias, N. (1976) Zur Soziogenese des Gegensatzes von “Kultur” und “Zivilisation” in Deutschland. In: Elias, N. *Über den Prozeß der Zivilisation. Soziogenetische und psychogenetische Untersuchungen*, Band 1. Frankfurt am Main: Suhrkamp, p. 89-153.

Frühwald, W. (1990). Büchmann und die Folgen. Zur sozialen Funktion des Bildungszitates in der Literatur des 19. Jahrhunderts, In: Koselleck, R. (Ed.). *Bildungsbürgertum im 19. Jahrhundert: Teil II; Bildungsgüter und Bildungswissen*. Stuttgart: Klett-Cotta, pp. 197-219.

Herrmann, U. (1991). *Historische Bildungsforschung und Sozialgeschichte der Bildung*. Weinheim: Deutscher Studien Verlag.

Horlacher, R. (2011). *Bildung*. Bern: Hapt Verlag.

Humboldt, W. von. (2017). *Schriften zur Bildung*. Berlin: Reclam.

Koselleck, R. (1990). Einleitung zur anthropologischen und semantischen Struktur der Bildung. In: Koselleck, R. (Ed.). *Bildungsbürgertum im 19. Jahrhundert: Teil II; Bildungsgüter und Bildungswissen*. Stuttgart: Klett-Cotta, pp.11-46.

Löwith, K. (1969). *De Hegel à Nietzsche*. Trad. Rémi Laureillard. Paris: Gallimard, 1969.

Nietzsche, F. (1999). *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe in 15. Einzelbänden*. Berlin: Walter de Gruyter.

Nietzsche, F. (2003). *Ecce Homo. Como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Nietzsche, F. (2003). *Segunda Consideração Intempestiva*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Nietzsche, F. (2011). *Escritos sobre Educação*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Loyola/Editora PUC Rio.

Nipperdey, T.; Nolan, D. (1996). *Germany from Napoleon to Bismarck, 1800-1866*. Princeton: Princeton University Press.

Schiller, F. (2002). *Cartas sobre a educação estética da humanidade*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras.

Wotling, P. (2012). *Nietzsche et le problème de la civilization*, Paris: PUF.

Recebido em 22/10/2018

Aprovado em 10/12/2018